

O Fantástico em “O Médico Rural” de Franz Kafka

Sérgio Sapucahy da Silva
Universidade Federal do Pará

I. INTRODUÇÃO

Nossa pretensão de analisar um texto literário, no caso o conto “O Médico Rural” de Franz Kafka, a fim de verificar sua classificação no campo do gênero fantástico, defronta-nos, de pronto, com a relação entre literatura e realidade, questão já bastante discutida, mas sempre atual.

Estamos convictos da impossibilidade da obra literária que não tenha, na realidade, o seu referencial de construção, por a considerarmos irremediavelmente ligada à criação humana. Assim, a entendemos pelo que é, foi ou poderia ser. Observa-se, portanto, que a realidade abarca o verossímil, essência do literário.

Partindo, pois, da premissa de que o literário participa do real, expressando-o, possibilitando-o, deformando-o, sempre como recriação, fica então estabelecida a outra relação: a do real com o fantástico, estranho e maravilhoso.

Com base no texto de Todorov, “Introdução à Literatura Fantástica”, de forma simplificada, podemos afirmar que o fantástico se define através dos limites que o separam do estranho e do maravilhoso. Desta forma ele existirá enquanto não houver uma definição do leitor por esta ou aquela solução. É o tempo da hesitação, constitutivo do fantástico enquanto não se define entre o possível e o impossível. O fantástico é uma transgressão do sistema ao criar uma situação desestruturadora da realidade, ou melhor dizendo da expectativa comum.

Ocorre que o literário já produz semelhante estado: a literatura é ficção sem deixar de ser “verdade”. Diante do texto literário normal também o leitor hesita, pois sabe-se diante de uma fantasia, ao mesmo

tempo que tem consciência da virtualidade desta fantasia. (Fabiano é verdade ou mentira?). A literatura, recriando a realidade, proporciona um efeito de presença (Alain Badiou) o qual, a mantém presa ao real, por mais tênue que seja o fio deste aprisionamento. Por conseguinte, o fantástico literário é uma transgressão de um sistema (literatura-realidade) já transgredido.

2. O DISCURSO FANTÁSTICO

“Conhecendo a estrutura da obra literária deveríamos poder, a partir do conhecimento de um só traço reconstruir todos os outros”

A partir do postulado em epígrafe, propomo-nos a buscar no texto em análise, os traços característicos do discurso fantástico. Para atingirmos este propósito, partiremos das três propriedades que formam a unidade estrutural do citado discurso:

- O emprego do discurso figurado.
- A participação do narrador.
- O aspecto sintático da composição.

I - O Emprego do Discurso Figurado.

Sabemos que o fantástico é terreno fértil para as figuras retóricas. Neste trabalho, além de levantá-las, queremos examiná-las sob três aspectos:

- O exagero conduzindo ao fantástico.
- O sentido figurado como sentido próprio.
- A linguagem construindo o fantástico.

I.1- Figuras em “O Médico Rural”¹

I.1.1- Metáforas

“Estava em grande aperto”.

“... sob a neve que me cobria com um manto cada vez mais pesado”.

“... levantaram-se de novo com o corpo fumegante.”

“... duas fileiras de dentes estavam gravadas em vermelho em sua face”.

“Besta! queres que te açoite”

“... a luz da lua banha tudo”.

“... afogar-me-ia círculo estreito de seus pensamentos”.

I.1.2- Comparações

“... e inclinando a cabeça majestosa, como camelos para evitar, com um movimento rastejante, o tronco da abertura da porta ...”

“... a carruagem é arrastada como um pedaço de madeira em uma torrente ...”

“- Vou regressar imediatamente - pensei como se os cavalos me convidassem a pôr-me o caminho.”

“...No lado direito das costas, na altura das cadeiras, abre-se uma chaga, grande como um prato”.

“Avermelhada ... aberta como um poço de mina”.

I.1.3- Hipérboles

“Que faço aqui neste inverno interminável”

“... todo o distrito me martiriza com a campainha noturna”.

“... e agitam uma infinidade de patas minúsculas”.

I.1.4 - Prosopopéia

“Com cavalos que se soltam dos arreios, que abrem, não sei como, as janelas e enfiam por cada uma delas suas cabeças e contemplam o enfermo sem se espantarem com os gritos da família”.

I.1.5- Metonímia

“... deixou ver seus olhos azuis e seu rosto franco”.

“... que entra nas pontas dos pés pelo clarão de lua que penetra pela porta aberta ...”.

I.1.6- Sinestesia

“... e meus olhos se enchem de um zumbido”

“... com os olhos vazios ...”

Listadas as figuras, verifiquemos seu enquadramento nos aspectos sob os quais nos propusemos examiná-los para comprovação da existência do discurso fantástico.

I.2- Aspectos do Emprego do Figurado.

Um aspecto é o de que o sobrenatural nasce do fato de se tomar a figura retórica no seu sentido literal, ou seja, o conotativo se faz denotativo. Todorov apresenta exemplos em que a hipérbole, ao se tomar realidade, proporciona ao leitor a transposição para o mundo do sobrenatural. Deste modo, em “Vatek” de Beckford, a expressão queimar a barba até o “mínimo fio” daqueles que não conseguissem elucidar determinado enigma proposto pelo califa, posta em prática, faz coito que o cheiro de queimado empesteie todo o castelo. No texto de Kafka, observamos o seguinte trecho em que o médico percebe o equívoco de seu exame inicial, quando tomara o doente por farsante:

“Finalmente vejo claro: sim, o jovem está enfermo.”

No lado direito das costas, na altura das cadeiras, abre-se uma chaga grande como um prato. A Vermelhada, com os mais variados matizes, escura no centro, e cada vez mais clara à medida que se aproxima das bordas, com sangue que se acumula singularmente, aberta como um poço de mina. Assim se apresenta à distância. De perto, parece ainda pior. Quem pode olhá-la sem um ligeiro assobio? Vermes da grossura e do comprimento do dedo mínimo, rosados e manchados de sangue, retorcem-se no fundo da ferida que os contém, levantam suas cabecinhas brancas e agitam uma infinidade de patas minúsculas. Pobre rapaz! nada se pode fazer por ti: descobri tua grande chaga e dessa chaga em tuas costas vais morrer”.

A minuciosa apresentação da ferida do enfermo feita pelo narrador personagem remete o leitor ao campo do fantástico.

É possível viver com uma chaga tão grande (“... grande como um

prato...”, “aberta com um poço de mina...”)?

É possível deixar de ver chaga tão grande?

É possível conviver com tal ferida na qual abundam vermes que agitam uma infinidade de patas minúsculas?

Este doente fantástico é revelado ao leitor por meio de duas comparações hiperbólicas, assinaladas no fragmento mencionado. A destacar ainda a plasticidade da descrição, fortemente direcionada para o sentido da visão: cor, dimensão, movimento. A questão da cor vermelha cuja etimologia remete a verme (*vermiculum*). Observa-se, no entanto, que não há hesitação por parte das personagens, sequer a admiração.

Diante da chaga descomunal, o médico apenas constata a sua impotência (“Pobre rapaz” nada se pode fazer por ti; descobri tua grande chaga e dessa chaga em tuas costas vais morrer”). Há conformismo mesmo quando, ao narrar, utiliza a hipérbole pura: “Que faço aqui neste inverno interminável?”; “todo o distrito me martiriza a campanha noturna.” Conclui-se que o exagero dos casos citados conduz apenas o leitor ao sobrenatural, não havendo por parte personagens, qualquer hesitação. Elas, neste momento, rendem-se ao sobrenatural, incorporando-o à sua realidade. Tal atitude de aceitação da personagem-médico diante do sobrenatural já ocorrera por ocasião da viagem até a casa do enfermo. Dez milhas são percorridas num só instante:

“Bate com as mãos e a carruagem é arrastada como um pedaço de madeira em uma torrente; ouço ainda a porta de minha casa que estala e se rompe ante os pontapés do criado, e depois meus ouvidos e meus olhos se enchem de um zumbido que me invade completamente.

Mas, apenas um instante, dir-se-ia até que a casa de meu doente se encontra às portas da minha pois já cheguei...”

Como se vê, através de uma comparação hiperbólica, a personagem vive o sobrenatural, ainda que se observe ligeira hesitação através do futuro do pretérito assinalado. Esse instante transgressor da normalidade é marcado por um som que encobre o real, impedindo o raciocínio durante o súbito transportamento e, simultaneamente, pela

linguagem sinestésica. Neste exemplo, fica materializado o segundo aspecto do emprego das figuras de retórica: o sentido figurado como sentido próprio. A velocidade incrível alcançada pela fantástica parêntese de cavalos fica expressa literalmente na comparação sublinhada.

Vistos esses dois aspectos através dos quais leitor ou personagem introduzem-se no mundo do fantástico, ressalvado que nas situações mostradas só o leitor o faz, cabe agora verificar se as figuras empregadas concorrem para a construção de um discurso fantástico.

A narrativa se abre com uma metáfora reveladora da situação de aflição em que se encontra o protagonista. Assinale-se tratar de metáfora popular: “Estava em um grande aperto”. Por outro lado o emprego do pretérito imperfeito, tempo preferido neste gênero narrativo cria um clima de ação incompleta e passada que, todavia, não se manterá. Logo, há um corte para um primeiro plano e inicia-se a ação. O tempo muda para o perfeito e, em seguida, o presente da narrativa, inserido pelo discurso indireto livre, quando se esclarece a razão do “aperto”: “Quem emprestaria hoje em dia seu cavalo para viagem semelhante...” Para ressaltar a excepcionalidade dos cavalos que surgem do nada a fim de livrar a personagem do aperto proporcionando-lhe a viagem, o emprego da adjetivação metafórica corpos fumegantes, cabeça majestosa - e a comparação com camelos para destacar a flexibilidade. Embora nada contenha de inusitada, esta adjetivação é bastante significativa no contexto, preparando o leitor para o desempenho fantástico dos cavalos, em seguida. Ao estranho cavaliço, cuja exacerbação sexual traz, para o conto, a questão do desejo, aplica-se a metáfora popular “besta”, também aqui empregada ao “pé da letra” associada ao ataque vampiresco a que é submetida Rosa, a criada do médico, única personagem nominada no conto (“A mulher lança um grito e se refugia junto a mim; duas fileiras de dentes de dentes estão gravadas em vermelho em sua face”). Observe-se, mais adiante, no clima do sobrenatural a mudança súbita das condições do tempo: ainda na aldeia, uma tempestade de neve (“...me cobria com um manto cada vez mais pesado ...”), enquanto que, dez milhas de adiante, numa fração de segundo, “a neve deixou de cair, a

luz da lua banha tudo”. Para tais situações distintas foram marcantes as metáforas do manto e de banhar.

Assim o figurado vai criando o enunciado fantástico, não se tratando, como nos ensina Todorov, de uma questão de estilo do autor, mas sim de uma propriedade inerente à estrutura do discurso fantástico. Esta ligação entre o figurado e o fantástico parece-nos mais presente na humanização dos cavalos (uma ação demoníaca?) e no relacionamento entre eles, o médico e o enfermo. Vejamos alguns momentos deste fato:

“... com os cavalos que não posso dominar”.

“Com os cavalos que se soltaram dos arreios, que abrem não sei como as janelas e enfiam por cada uma delas suas cabeças e contemplam o enfermo sem se espantarem com os gritos da família?”

“Vou regressar imediatamente - pensei como se os cavalos me convidassem a pôr-me a caminho”.

“Obedeço-lhe, e enquanto um dos cavalos lança ao céu um relincho ressoante, apoio minha cabeça sobre o peito do jovem que se estremece ao contato de minha barba”.

“Ah! agora os cavalos põem-se a relinchar, ruído talvez determinado por ordem superior para facilitar a auscultação”.

“A roupa da cama me rodeia com seu calor e, como sombras, os cavalos levantam e abaixam a cabeça nas duas janelas”.

“Mas é tempo de pensar em minha liberdade. Os cavalos estavam ali”.

“Se os cavalos corressesem tão ligeiro como na vinda, soltaria dessa cama para a minha”.

“E fomo-nos, imediatamente; iam-nos lentamente como anciões por esse deserto de neve ...”.

“Despido, exposto no frio desta época infeliz, com uma carruagem terrestre e cavalos sobrenaturais, vou vagando como um velho que sou”.

Desde o momento que surgem para tirar o médico do aperto, conduzindo-o a atender uma chamada urgente, de um lugar distante, os cavalos são personagens marcantes no curso da história.

Mensageiros, testemunhas, juizes, eles conduzem o médico a um confronto não com o doente ou com a comunidade que o despreza, porém consigo mesmo. É uma armadilha:

“Enganado! Fui enganado! Uma vez e chega. Ouvi equivocadamente a campainha da noite ... e foi irreparável para sempre”.

Como se vê esta humanização dos cavalos, tão freqüente nas narrativas do maravilhoso, podem, também, contribuir para a construção do fantástico.

II- A Participação do Narrador

As primeiras palavras do conto (“Estava em um grande aperto”) colocam a posição do narrador-personagem e, no presente texto também a protagonista. Temos então outra situação bastante conveniente à narrativa fantástica: a do narrador representado. Se, na condição de narrador que nos relata, estaremos no campo do maravilhoso, por outro lado, como personagem, ele pode mentir ou ser traído por sua imaginação, possibilitando a dúvida no leitor, criando o ambiente do fantástico.

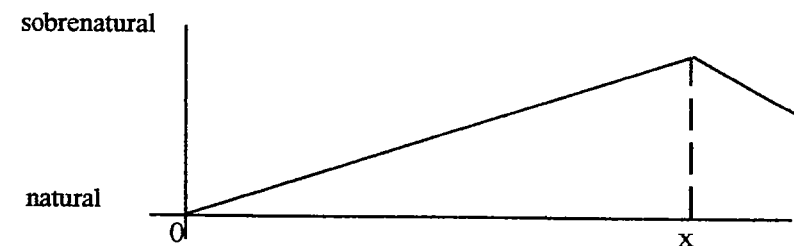
Em “O Médico Rural”, o protagonista praticamente não hesita diante do sobrenatural. Como já dissemos anteriormente, ele aceita passivamente o que transgredir a normalidade. Dessa forma, o aparecimento do cavaleiro desconhecido com uma bela parêla de cavalos, pronta a transportá-lo dez milhas diante, é aceito sem contestação. O que contesta é o preço cobrado: a sua empregada Rosa, cujos atrativos tardiamente são valorizados por ele. Da mesma forma, podemos citar a instantaneidade da viagem, a interrupção da tempestade, o diagnóstico equivocado, a imensa ferida não observada de imediato, o comportamento dos cavalos. Nada o faz hesitar. No último parágrafo resigna-se com o sobrenatural: “... com uma carruagem terrestre e cavalos sobrenaturais, vou vagando como um velho que sou”.

Se não se realiza a segunda característica de Todorov para a instauração do fantástico, a primeira, e básica, configura-se plenamente:

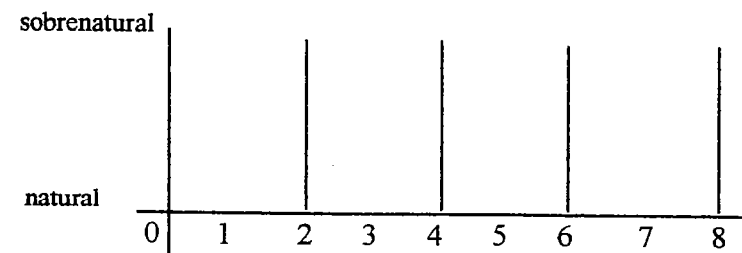
o leitor hesita diante dos acontecimentos, não aceitando, de pronto, o maravilhoso. Busca a narrativa índices (não encontrados) capazes de racionalizar os acontecimentos ditos sobrenaturais.

III- O Aspecto Sintático da Composição

Comparemos os dois gráficos abaixo. O primeiro representa a estrutura mais comum das narrativas fantásticas, conforme Penzoldt, citado por Todorov. O segundo procura representar a seqüência da narrativa do conto de Kafka.



x = aparecimento do espectro



- 1- Chamado de um paciente
- 2- Aparecimento dos cavalos
- 3- A chantagem do cavaleiro
- 4- A viagem
- 5- O diagnóstico equivocado

- 6- A ferida
- 7- A vingança dos aldeões
- 8- A fuga

Como se nota, a estrutura tradicional da narrativa fantástica é uma linha ascendente (em gradação) culminando no aparecimento do sobrenatural. No texto em pauta, os acontecimentos sobrenaturais ocorrem seguidamente, e em tal frequência, que podemos afirmar uma intenção deliberada de inversão entre a realidade e a fantasia. Ao contrário de outras obras do gênero, o fim da leitura não esgota o texto e o leitor é levado a outras leituras na tentativa de desfazer o mistério.

3. É ISTO O FANTÁSTICO ?

Para respondermos a esta pergunta, retornaremos às condições propostas por Todorov para reconhecermos uma obra como pertencente ao gênero fantástico:

1a Condição: O leitor deve considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e hesitar entre uma explicação natural e outra sobrenatural para os acontecimentos relatados.

2a Condição: A personagem também hesita diante dos acontecimentos.

3a Condição: O leitor recusa tanto a interpretação alegórica como a poética para o texto.

Afirma ainda que a 2a condição nem sempre se realiza, mas que as outras são indispensáveis para a classificação deste gênero.

Diante destas assertivas, verificamos que para “O Médico Rural” nenhuma das condições se realiza plenamente, pelas razões a seguir expostas. O leitor, diante dos acontecimentos sobrenaturais, aos quais é apresentado pela personagem- narrador, hesita, sem conseguir explicá-los racionalmente e, ao mesmo tempo, recusa-lhes a classificação do maravilhoso, por se tratarem de situações comuns, para as quais não se justificaria simplesmente assimilar as transgressões. Não se trata, por exemplo, do ambiente milagroso que envolve as

histórias de tradição cristã, em que pese o sentido de martírio associável ao jovem enfermo, nem tampouco se trata do mundo de fantasia das lendas e contos de fada. É a vidinha miserável de um médico rural do qual os pacientes exigem mais do que ele pode dar. A racionalidade do leitor e o conjunto da obra do autor não permitem, também, a concretização da terceira condição, a rejeição à poesia e à alegoria. Ao contrário, o leitor de Kafka busca referenciais para as metáforas do famoso escritor (seriam mesmo metáforas?). Assim, busca-se um comparante para o médico, para o cavaliariço e para o jovem enfermo. Seria este médico o governante que se julga a panacéia do povo e a quem desalojar para ganhar-lhe o espaço? Seria o cavaliariço, dominado pelo desejo sexual, a metáfora da massa incontrolável?

E o enfermo que ora deseja a morte, para em seguida, tão humanamente, apegar-se à vida diante do inevitável. Quem é este jovem que carrega tantas dores? Em certo passo da narrativa, o médico reflete sobre sua atividade e a dos religiosos, momentos antes de ser atacado pela população.

“Assim é a gente dessa comarca. Exigem o impossível do médico. Perderam a antiga fé, o sacerdote fica-se em casa a enfileirar os orçamentos sacerdotais, e o médico deve fazer tudo com seus dedos ágeis de cirurgião. Se querem usar-me para servir a um desígnio sagrado, não serei eu que vá impedir. Posso fazer algo melhor, por acaso, eu, velho médico rural a quem lhe tomaram a criada?”

A seguir, o ritual místico, quando o médico, despojado de suas vestes, é colocado na mesma cama do enfermo, enquanto um coro de menino canta:

“Melhorará, dispâmo-lo
Se não melhorá, matem-no
Não é mais que um médicóoo
Não é mais que um médicóoo”

Há um sentido alegórico neste ritual, na forma da ferida (“... não é tão horrível. Dois golpes em ângulo agudo”) nas atitudes do jovem enfermo (“... Tenho sempre que me conformar. Cheguei a este mundo

com uma bela chaga, era tudo que trazia”). Há um impulso do leitor em associar o discurso de Kafka com os fatos de sua vida (judaísmo, conflito com o pai, doenças ...).

Retomando a pergunta que titula este momento do trabalho, constatamos que, de fato, o texto não corresponde às condições de Todorov para o fantástico, pois somente ocorre a hesitação do leitor. No entanto, é o mesmo Todorov que nos aponta o caminho a seguir para a classificação desta obra, quando analisa outra obra de Kafka, “Metamorfose”, ao final da “Introdução à Literatura Fantástica”. Para ele, o gênero fantástico tinha deixado de existir no século XX à medida em que sua função social se esgota. A transgressão às normas sociais que justificavam o desvio para a abordagem de temas proibidos (homossexualismo, incesto, necrofilia, demonismo, etc...) perde seu sentido com Freud e a aceitação da ciência da psicanálise.

Kafka surge como criador de um novo tipo de fantástico, partindo da inversão da situação anterior na relação leitor-narrador. Fica o fantástico, porém desaparece a hesitação, sem que se instaure o maravilhoso, visto se tratar do mundo no qual vivemos. Em “A Metamorfose”, Gregory amanhece transformado em inseto e após ligeira hesitação, porque vinha de um sonho agitado, convence-se de que não se trata de uma alucinação. É uma situação definitiva. Da mesma forma Gregory, seus familiares acabaram por assimilar o novo estado, embora haja consciência de todos de que a morte de Gregory é a solução. O conhecimento estranho não surpreende, nem aterroriza, instaurando-se uma nova característica para o leitor, narrador ou personagem: a adaptação. Diz Todorov textualmente:

“... trata-se realmente de um acontecimento chocante, impossível, mas que acaba por se tornar paradoxalmente possível. Neste sentido, as narrativas de Kafka dependem ao mesmo tempo do maravilhoso e do estranho, são a coincidência de dois gêneros aparentemente incompatíveis”.

Com Kafka, o irracional participa da vida, o onírico convive com o real. Na observação de Sortre sobre o fantástico em Kafka, “o homem normal” é precisamente o ser fantástico; o fantástico torna-se a

regra, não a exceção.

Feitas essas considerações, podemos retornar ao “Médico Rural” para afirmar que também ele todo é fantástico; e ao leitor, esgotada a busca vã do alegórico, cabe compreender que “... a propósito de Kafka: suas narrativas devem ser lidas antes de tudo, como narrativas, no nível literal”.

A literatura, enquanto recriação da realidade, incorpora, neste século, uma lógica: a do sobrenatural. O verossímil há que conviver com o inverossímil.

4. CONCLUSÃO

Ao término de nossa análise, chegamos à conclusão de que o conto “O Médico Rural” de Franz Kafka, trouxe-nos uma nova compreensão do gênero fantástico, mantendo-o vivo e atual na literatura do século XX. O curso de Estilística, ao elegê-lo como tema central, proporcionou-nos o contato com diversas dessas obras, gerando intensos debates quanto à classificação genérica das mesmas, ao mesmo tempo que nos apresentava autores expressivos da literatura brasileira contemporânea como são Lígia Fagundes Teles, Murilo Rubião e Moacir Scliar entre outros.

Nesta época, em que a função social do texto literário nivela-se, em importância, à função lúdica, a permanência do fantástico oferece ao leitor um mergulho num mundo estranho cada vez mais plausível. A palavra chave desta fase do fantástico é adaptação, seja do leitor ou da personagem e, quanto a isto, não nos parece difícil, quando, pelo menos, já se incorporou o terror ao cotidiano.

NOTAS

1 - Ver texto anexo

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- KAFKA, Franz, *O Médico Rural* in *Titãs da Literatura*. São Paulo: El Ateneo do Brasil, v.7, p. 427-433
- MASSOUD, Moisés, *A Criação Literária - Prosas*, São Paulo: Cultrix, 1987
- TAVARES, Hênio, *Teoria Literária*, Belo Horizonte: Itatiara, 1984.
- TODOROV, Tzvetan, *Introdução à Literatura Fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1975

ANEXO

O MÉDICO RURAL

Estava em um grande aperto. Tinha que fazer uma viagem urgente; um enfermo grave me esperava em aldeia situada a dez milhas de distância; uma violenta tempestade de neve enchia o espaço que me separava dele. Tinha uma coche leve, com rodas grandes, do tipo que se precisa para os nossos caminhos. Com meu abrigo de peles vestido e meus instrumentos na pasta, esperava no pátio, pronto para partir; mas me faltava o cavalo... Na noite anterior, neste inverno extremamente frio o meu morrera. Agora minha empregada percorria a aldeiola procurando conseguir um emprestado, mas eu sabia que estava condenado ao fracasso, e permanecia ali inutilmente, cada vez mais gelado, sob a neve que me cobria com um manto cada vez mais pesado. a criada apareceu na porta, só e balançando sua lanterna; sem dúvida..., quem empresta hoje em dia um cavalo para uma viagem semelhante? Atravessei novamente o pátio, sem saber o que fazer; distraído e angustiado, dei um pontapé na porta desconjuntada do chiqueiro de porcos que não se utilizava há anos. A porta abriu-se e bateu várias vezes. Chamou-me a atenção um odor e um calor de cavalaria. Uma fraca lanterna de estábulo balançava-se de uma corda. Um homem agachado no pequeno recinto me deixou ver seus olhos azuis e seu rosto franco.

- Atrelo? - perguntou-me saindo de quatro pés.

Não soube o que dizer, e me inclinei para ver o que mais havia na pocilga. A criada estava a meu lado.

- Nunca se sabe o que se pode encontrar em sua própria casa - disse. E os dois nos rimos.

- Ei! Ei! - gritou o cavaleiro.

Dois cavalos, dois belos animais de possantes espinhaços, saíram um depois do outro, com as patas juntas no corpo e inclinando a cabeça

majestosa, como camelos, para evitar, com um movimento rastejante, o tronco da abertura da porta que tomavam inteiramente. Mas, uma vez do lado de fora, levantaram-se de novo, com o corpo fumegante.

- Ajuda-o, - disse eu.

A doce criada apressou-se a passar os arreios ao empregado. Mas este, nem bem ela se lhe aproximou, tomou-a nos braços e juntou a sua cara à dela. A mulher lança um grito e se refugia junto a mim; duas fileiras de dentes estão gravadas em vermelho em sua face. Em meu furor, grito ao cavaliariço:

- Besta! Queres que te açoite?

Mas imediatamente lembro-me que é um estranho, que não sei de onde vem e que está me ajudando espontaneamente quando todos os demais me abandonaram. Dir-se-ia que conhece meus pensamentos, pois em vez de levar a mal minhas ameaças, volta-se simplesmente para mim, sem deixar de ocupar-se de seus cavalos e diz:

- Suba.

E, de fato, tudo está pronto. Reparo que nunca viajei com uma parrelha de tronco tão belamente arriada, e subo com alegria.

Eu guiarei - digo-lhe, - tu não conheces o caminho.

- Sem dúvida - replica - eu não vou consigo, fico-me com Rosa.

- Não ! - grita Rosa.

E, compreendendo que seu destino é inevitável, foge para casa.

Ouçõ o ruído da corrente da porta que se fecha e o movimento do ferrolho da fechadura. Vejo que Rosa apaga também a luz do corredor e dos aposentos, a fim de que não possam encontrá-la.

- Vais subir comigo - disse ao cavaliariço; - do contrário desisto da minha viagem, por urgente que seja. Não estou disposto a pagar-te dando-te em troca esta rapariga.

- Vá embora! - retruca ele.

Bate com as mãos e a carruagem é arrastada como um pedaço de madeira em uma torrente; ouço ainda a porta de minha casa que estala e se rompe ante os pontapés do criado, e depois meus ouvidos e meus olhos se enchem de um zumbido que me invade completamente. Mas, apenas um instante, dir-se-ia até que a casa de meu doente se

encontra às portas da minha, pois já cheguei; os cavalos ficam imóveis; a neve deixou de cair; a luz da lua banha tudo. Os pais do enfermo saem apressadamente da casa, seguidos de uma sua irmã. Literalmente arrancam-me da carruagem, compreendo apenas suas palavras confusas. Na peça em que está o doente o ar está quase irrespirável; a estufa, mal acendida, fumeja. Terei que abrir a janela, mas primeiro quero ver o enfermo. Fraco, sem febre, sem frio nem calor, com os olhos vazios, sem camisa, o rapaz ergue-se sobre o colchão, agarra-se a meu pescoço e me diz ao ouvido:

- Doutor, deixe-me morrer.

Olho em volta, ninguém o escutou. Os pais estão ali, mudos, inclinados, esperando meu veredito. A irmã trouxe um banco para meus instrumentos, abro a maleta e apanho alguns. O rapaz continua a estender-me as mãos para lembrar-me seu pedido. Tomo uma pinça, examino-a à luz de vela, e a largo:

- Sim, - digo comigo mesmo, indignado, - nestes casos os deuses ajudam. Mandam o cavalo que falta e acrescentam mais um para chegar-se mais depressa e mandam cavaliariço ainda ...

Só então é que me lembrei de Rosa. Que fazer ? Como salvá-la? Como livrar seu corpo do peso desse cavaliariço, a dez milhas de distância, com cavalos que não posso dominar ? Com cavalos que se soltaram dos arreios, que abrem, não sei como, as janelas e enfiam por cada uma delas suas cabeças e contemplam o enfermo sem se espantarem com os gritos da família ?

- Vou regressar imediatamente - pensei como se os cavalos me convidassem a pôr-me a caminho.

Mas deixo atender-me pela moça que, supondo-me incomodado pelo calor, tira-me o abrigo de peles. Trazem-me um vidro de rum; o velho me dá palmadas no ombro, como se o oferecimento de seu tesouro justificasse essa familiaridade. Digo que não, com um gesto da cabeça; afogar-me-ia no círculo estreito de seus pensamentos; por esta razão nego-me a beber. A mãe, que está perto da cama, chama-me à cabeceira de seu filho. Obedeço-lhe, e enquanto um dos cavalos lança ao céu um relincho ressoante, apoio minha cabeça sobre o peito do

jovem que se estremece ao contato de minha barba molhada. O que pensava se confirma: o jovem está são, um pouco anêmico, talvez tenha abusado do café por culpa do zelo inquieto de sua mãe; são, entretanto, e o melhor seria fazê-lo levantar-se com umas quantas palmadas. Mas não sou formador do mundo, e o deixo na cama. Estou a serviço das autoridades do distrito e cumpro meu dever integralmente, até um ponto que é, às vezes, excessivo. Mal pago, sou, sem dúvida, generoso e caridoso com os pobres. Além disso, tenho que ocupar-me de Rosa; e talvez ainda, bem no fundo, o rapaz tenha razão, eu também quero morrer. Que faço aqui neste inverno interminável! Meu cavalo morreu, e ninguém na aldeia quer emprestar-me o seu. Tenho que tirar uma parelha da pocilga, e se o acaso não houvesse disposto que houvesse ali cavalos, teria que atrelar os porcos. Essa é a situação. E dirijo um meneio de cabeça para a família. Eles, certamente, nada sabem, e se o soubessem não o acreditariam. É fácil escrever receitas, mas é um trabalho difícil o de se entender com as pessoas.

Minha visita terminou e outra vez me incomodaram inutilmente; estou habituado; todo o distrito me martiriza com a campainha noturna. Mas, dessa vez entreguei ainda Rosa, essa bela rapariga que vive há diez anos em minha casa sem que eu lhe preste uma maior atenção... É um sacrifício demasiado grande, e tenho de conter-me com sutis considerações para não lançar-me contra esta família que seria incapaz de devolver-me a Rosa embora tivesse a melhor boa vontade. Mas, quando fecho a mala e faço sinal para que me tragam o abrigo, quando vejo o grupo familiar, o pai, cheirando o vidro de rum que segura em sua mão levantada, a mãe, desiludida talvez de mim - o que não se imagina? - chorando e mordendo os lábios, e a irmã com uma toalha ensanguentada, me sinto disposto a admitir, com restrições, que o rapaz esteja, talvez, doente. Vou até ele, e me sorri como se lhe levassem o mais fortificante dos caldos... Ah! agora os cavalos põem-se a relinchar, ruído talvez determinado por ordem superior para facilitar a auscultação. Finalmente vejo claro: sim, o jovem está enfermo.

No lado direito das costas, na altura das cadeira, abre-se uma chaga, grande como um prato. Avermelhada, com mais variados matizes,

escura no centro, e cada vez mais clara a medida que se aproxima das bordas, com sangue que se acumula irregularmente, aberta como um poço de mina. Assim se apresenta à distância. De perto, parece ainda pior. Quem pode olhá-la sem um ligeiro assobio? Vermes da grossura e do comprimento do dedo mínimo, rosados e manchados de sangue, retorcem no fundo da ferida que os contém, levantam suas cabecinhas brancas e agitam uma infinidade de patas minúsculas. Pobre rapaz!, nada se pode fazer por ti; descobri tua grande chaga, e dessa chaga em tuas costas vais morrer. A família está contente. Vêem que ponho mãos à obra, a irmã o diz à mãe, esta ao pai, o pai a uma visita que entra nas pontas dos pés pelo clarão da lua que penetra pela porta aberta, estendendo os braços para manter o equilíbrio.

- Doutor, vai me salvar? - sussurra entre dois soluços o rapaz hipnotizado pela vida que mexe no fundo de sua ferida.

Assim é a gente dessa comarca. Exigem o impossível do médico. Perderam a antiga fé, o sacerdote fica-se em casa a enfileirar os ornamentos sacerdotais, e o médico deve fazer tudo com os dedos ágeis de cirurgião. Bem, como vocês queiram; não fui eu quem se ofereceu. Se querem usar-me para servir a um desígnio sagrado, não serei eu que o vá impedir. Posso fazer algo melhor, por acaso, eu, velho médico rural a quem lhe tomaram a criada? E agora vêm as pessoas da família e os velhos da aldeia, e me despojam das roupas; em frente à casa se instalou um coro de alunos, com o professor à frente, que canta com uma melodia muito simples:

*Melhorará, dispâmo-lo;
Si não melhorá, matem-no.
Não é mais que um medicóoo
Não é mais que um medicóoo*

Agora estou despido, olho tranqüilamente a afluência, com os dedos mergulhados em minha barba e a cabeça inclinada para um lado. Sou inteiramente dono de mim mesmo, sinto-me superior a todos, e o sou, embora isto de nada sirva; agarraram-me pela cabeça e pelos pés

e me põem na cama. Encostam-me junto à parede, do lado da ferida. Depois saem todos do aposento, fecham a porta, o canto cessa. Passam as nuvens diante da lua. A roupa da cama me rodeia com seu calor, e, como sombras, os cavalos levantam e abaixam a cabeça nas duas janelas.

- Entendes - cochicham no meu ouvido, - não tenho muita confiança em ti. A ti também te buscaram em qualquer parte, não vens por tuas próprias pernas. Ao invés de ajudar-me, me tomas espaço em meu leito de morte. Se seguisse os meus impulsos, arrancar-te-ia os olhos.

- É verdade - digo, - é uma vergonha. Mas sou médico. Que devo fazer? Acredita-me que o papel não é fácil para mim.

- Tenho que conformar-me com esta desculpa? Não me resta outra coisa. Tenho sempre que me conformar. Cheguei a este mundo com uma bela chaga, era tudo o que eu trazia.

- Jovem amigo - dissertei eu - o que lhe falta é perspectiva. Eu, que visitei já todos os quartos de doentes das redondezas, posso dizer-lhe que sua ferida não é tão horrível. Dois golpes em ângulo agudo. Muitos oferecem as costas e nem sequer ouvem o machado no bosque; muito menos o ouvem vir.

- É assim realmente, ou estás me enganando no delírio?

- É realmente assim. Acredite na palavra de honra de um médico diplomado. E tome-a na devida conta.

Assim o fez e se calou. Mas agora é tempo de pensar em minha liberdade. Os cavalos estavam ali. Em um momento recolhi minhas roupas, meu abrigo e meus instrumentos. Não quis perder tempo em vestir-me. Se os cavalos corressem tão ligeiro como na vinda, saltaria dessa cama para a minha. Docilmente um dos cavalos se afastou da janela, joguei minhas roupas na carruagem, mas o abrigo caiu demasiado longe e ficou pendurado por uma manga em um gancho. Era suficiente. Saltei sobre o cavalo. Arrastando os arreios soltos, os cavalos iam quase separados um do outro, com coche atrás, arrastando de qualquer maneira, e, para terminar, o abrigo arrastando pela neve.

- Rápido! - gritei.

E fomo-nos imediatamente; íamos lentamente como anciãos, por esse deserto de neve, e o novo canto dos meninos, o canto equivocado dos garotos ouviu-se durante muito tempo atrás de nós:

Alegrem-se, doentes,

Servimo-lhes o médico na cama.

Nunca voltaram assim à minha casa. Perdera minha florescente clientela. Um sucessor a roubará, mas sem proveito, pois não poderá substituir-me. Em minha casa, o horrroso cavaliço se esbaldá, Rosa é sua vítima, não quero nem pensar. Despido, exposto ao frio desta época infeliz, com uma carruagem terrestre e cavalos sobrenaturais, vou vagando como um velho que sou. Meu abrigo se arrasta atrás do coche, não posso alcançá-lo, e nenhum dos canalhas inconstantes destes meus doentes levantará um dedo sequer. Enganado! Fui enganado! Uma vez e chega. Ouvi equivocadamente a campainha de noite... e foi irreparável para sempre.